



**SUPERINTENDÊNCIA  
DA ZONA FRANCA DE MANAUS**

[www.suframa.gov.br](http://www.suframa.gov.br)


# **Clipping Local e Nacional On-line**

Nesta edição **5 matérias**

**Coordenação Geral de Comunicação Social - CGCOM**

**Manaus, segunda-feira, 14 de maio de 2012**

<b>O ESTADO DE SÃO PAULO</b>	
Fabricantes de motos demitem em Manaus .....	1
VEICULAÇÃO NACIONAL	
<b>VALOR ECONÔMICO</b>	
Produtividade começa ano em queda na indústria .....	3
VEICULAÇÃO NACIONAL	
<b>UOL ÚLTIMAS NOTÍCIAS</b>	
Brasil perde em inovação e não cresce como outros Brics, diz economista .....	5
VEICULAÇÃO NACIONAL	
<b>BRASIL ECONÔMICO-SP</b>	
Samsung entra na guerra por mercado de segurança .....	6
VEICULAÇÃO NACIONAL	
<b>BRASIL ECONÔMICO-SP</b>	
Presidentes e primeiros-ministros que fazem parte do Brics vão participar da Rio+20.....	7
VEICULAÇÃO NACIONAL	

	VEÍCULO O ESTADO DE SÃO PAULO	EDITORIA	
	TÍTULO <b>Fabricantes de motos demitem em <u>Manaus</u></b>		
ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL	

## Vendas caem 20% em abril e empresas também reclamam da falta de crédito e estoques altos

### Cleide Silva

O segmento de motocicletas enfrenta a mesma dificuldade dos fabricantes de automóveis com a restrição ao crédito para as compras parceladas.

"O governo pressionou os bancos a baixarem os juros, mas não adianta só reduzir e não liberar os financiamentos", reclama Rogério Scialo, diretor comercial e de marketing da Kasinski.

Na **Zona Franca** de **Manaus**, de onde saem mais de 90% das motos vendidas no Brasil, os estacionamentos das empresas estão lotados e há ameaças de demissões, informa Valdemir Santana, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de **Manaus**.

"Só a Honda tem mais de 50 mil motos paradas no pátio", diz.

Segundo Santana, a Honda, maior fabricante de motos do País, demitiu 800 pessoas neste ano. "Duas linhas de **produção** estão paradas", afirma. Além da falta de crédito, ele diz que as **importações** prejudicam a **produção** local.

"O ministro Mantega (Guido Mantega, da Fazenda) prometeu há vários meses que aumentaria o Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI) das motos **importadas**, assim como fez com os automóveis,mas ficou só na promessa",reclama o sindicalista.

Em nota, a Honda limita-se a informar que"opera atualmente com um quadro de funcionários superior ao do mesmo período de2011.Em função do cenário de crédito mais seletivo, eventuais desligamentos voluntários serão repostos em momento oportuno".

A Kasinski, que detém quase 3% do **mercado** nacional de motos, demitiu 250funcionáriosno primeiro trimestre, o equivalente a 30% do seu pessoal de fábrica e administrativo.

Exigências. Segundo Scialo, a lista de exigência dos bancos e financeiras para avaliar os pedidos de financiamento subiu de sete a oito itens para mais de 30.

"Antes, checavam dados de documentos, comprovante de residência e renda." Agora, diz ele, se o consumidor mudou de emprego ou de casa há menos de um ano, a ficha é recusada.

"E se o cliente atrasou a parcela de um terno comprado na Ducal, na Mesbla ou no Mappin também não liberam", brinca o executivo da Kasinski, ao reforçar que até dívidas muito antigas são contabilizadas como pontos negativos no "filtro" feito pelas instituições financeiras.

De acordo com a Associação Brasileira dos Fabricantes de Motocicletas (Abraciclo), cerca de80% das vendas de motos são financiadas. A maior parte dos compradores (85%) é das classes C e D, que adquire veículos na faixa de preços de R\$ 4 mil a R\$6 mil. "É justamente o consumidor que compra o primeiro veículo para escapar do ônibus", afirma Scialo.

Em abril,foramvendidas132,2 mil motocicletas no País, queda de 20,2% em relação a março e 9,5% menor que o volume registrado em igual mês do ano passado. No quadrimestre, a queda é de 1,7%, com um total de 574,7 mil motos comercializadas.

"O **mercado** brasileiro de motos não está saturado; as pessoas querem comprar, há crédito no **mercado**, mas falta flexibilização na oferta desse crédito", diz José Eduardo Gonçalves, diretor executivo da Abraciclo.

Impacto na **produção**. Segundo Scialo, as fabricantes já não esperam mais atingir a meta prevista para este ano, de vender 2,15 milhões de motos, 100 mil a mais do que em 2011. A **produção**, conseqüentemente, será menor. "Certamente haverá impacto na **produção** da **Zona Franca** de **Manaus** e haverá mais demissões", avalia o executivo.

A Kasinski iniciou este mês campanha de venda com 30% de entrada e 18 prestações sem juros, que são bancados pela própria empresa." Os bancos afirmaram que se ampliássemos o valor da entrada (que era de 10% a 20%) seria mais fácil aprovar o crédito. Ampliamos, bancamos os juros, mas nada mudou."

### Dias mais difíceis

JOSÉ EDUARDO GONÇALVES - DIRETOR DA ABRACICLO

"O mercado brasileiro de motos não está saturado; as pessoas querem comprar, há crédito no mercado, mas falta flexibilização na oferta desse crédito"

VALDEMIR SANTANA - PRESIDENTE DO SINDICATO DOS METALÚRGICOS DE MANAUS - "Só a Honda tem mais de 50 mil motos paradas no pátio"

### **O QUE AS EMPRESAS ESTÃO FAZENDO PARA REDUZIR A PRODUÇÃO**

Fiat - Betim (MG) - Chegou a avaliar dar férias para 2 mil funcionários, mas desistiu, por ora.

Ford - São Bernardo (SP) - Desde o início do ano, opera 4 dias por semana. Cada trabalhador ficará 40 dias em casa ao longo do ano. A unidade de caminhão parou na semana passada.

**General Motors - São Caetano (SP) - Suspendeu hora extra em 2 sábados deste mês.**

Honda - Sumaré (SP) - A partir da última semana de maio cancelará horas extras. Manaus (AM)/ Motos - Não repõe funcionários que saem.


MAN/Volkswagen - Resende (RJ)- Suspende a produção em 2 dias este mês e pode parar mais 15 dias em junho. Em janeiro, deu férias coletivas de 20 dias a todos os funcionários e em fevereiro e março parou 4 dias.

Mercedes-Benz - São Bernardo (SP) - Licença remunerada de 30 dias para 480 funcionários e negocia mais dias de paralisação. Em janeiro, deu férias para todo o pessoal da produção. Juiz de Fora (MG) - Férias coletivas de 10 dias em abril.

Scania - São Bernardo (SP) - 30 dias de férias coletivas em janeiro e 4 dias de dispensa entre fevereiro e abril. Negocia novas paradas.

Volkswagen - Anchieta (SP) - Semana de 4 dias (nas últimas duas semanas) e suspensão do trabalho em 2 sábados de maio. Taubaté (SP) - Dispensou trabalhadores na sexta-feira e no próximo sábado. São Carlos (SP)/ Motores - Dispensou trabalhadores na sexta-feira e no sábado. São José dos Pinhais (PR) - Não faz horas extras desde o início do ano.

Volvo - Curitiba (PR) - Deu 10 dias de férias coletivas em abril.

	VEÍCULO VALOR ECONÔMICO	EDITORIA	
	TÍTULO <b>Produtividade começa ano em queda na indústria</b>		
ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL	

**Carlos Giffoni | De São Paulo**

**O avanço de 4,6% acima da inflação no custo da folha de pagamento da indústria no primeiro trimestre do ano, em relação ao mesmo período de 2011, está pressionando ainda mais os lucros do setor, em um momento de queda da produtividade, segundo avaliação dos economistas consultados pelo Valor. Agrava a situação o fato de as medidas de incentivo à produção, anunciadas pelo governo, ainda não terem surtido efeito claro.**

Entre janeiro e março, na comparação com o mesmo período de 2011, a produção industrial, segundo o IBGE, recuou 3%. A queda do número de horas pagas foi menos acentuada: 1,2% na mesma comparação. O resultado desses dois fatores é uma produtividade 1,8% mais baixa no primeiro trimestre de 2012 frente ao primeiro trimestre do ano passado.

O cenário de competitividade da indústria só piora, avaliou a economista Alessandra Ribeiro, da Tendências Consultoria. Segundo ela, a pressão salarial e o recuo da produção têm tirado ainda mais a capacidade do setor de concorrer com o produto importado no mercado nacional. O nosso mercado de trabalho ainda está aquecido e a indústria ficou 'presa', porque, se não der aumento de salários, vai perder pessoal para o setor de serviços, comércio e construção civil, disse. A indústria não pode se dar ao luxo de não dar aumentos reais, porque compete diretamente com setores mais dinâmicos.

Fabio Ramos, economista da Quest Investimentos, explica que, devido às dificuldades de demitir funcionários no Brasil, a tendência é que os empresários segurem sua mão de obra o máximo possível. Por isso, o emprego industrial responde com defasagem à queda na produção - na comparação entre o primeiro trimestre de 2012 com o mesmo período de 2011, o pessoal ocupado no setor recuou 0,8%, menos de um terço da queda na produção.

No início do ano, porém, o nível de emprego seguiu a atividade mais de perto. Em um primeiro momento de crescimento econômico menor é normal que a produção caia mais rapidamente que o emprego. Mas, como a produção está recuando lentamente, o ajuste do emprego e da

produtividade está acompanhando mais de perto o movimento da atividade, avalia Ramos. A indústria demitir é um fato ruim, mas existe a vantagem de ajustar a produtividade. Não adianta o empresário contratar mais ou manter os seus empregados se não há demanda pelos seus produtos. No médio prazo, a empresa fecha. O melhor é desligar os trabalhadores ou acabar com horas extras e diminuir turnos, explica.

Para o economista, o ritmo fraco da indústria terá impacto nas negociações de reajuste neste ano. Como o desemprego geral da economia está baixo, isso favorece o aumento de salários. Mas as empresas estão vendo lucros menores, por isso acho que as negociações salariais com os sindicatos neste ano serão mais duras.

Alessandra, da Tendências, explica que a indústria não consegue repassar o aumento do custo da mão de obra para os preços, uma vez que sofre concorrência pesada de produtos importados. Isso corrói a sua margem de lucro, diz.

Para a Rosenberg Associados, a competição com os produtos importados agrava o cenário industrial do país. De acordo com a consultoria, o quadro não está favorável para a indústria, que sofre com problemas estruturais, principalmente pela competição dos importados, que buscam mercado consumidor em um cenário global de baixo crescimento.


A economista da Tendências acredita que o setor está aguardando os próximos meses e o resultado mais claro das políticas de incentivo à produção industrial adotadas pelo governo para iniciar um processo de demissões. A indústria está numa posição de cautela. O custo de demissão é muito alto no Brasil e essas medidas podem reverter em parte o cenário ruim, afirma Alessandra.

Entre 17 setores da indústria contemplados pela pesquisa, houve redução do pessoal ocupado em dez deles no primeiro trimestre deste ano, na comparação com igual período do ano passado. Desses, sete tinham registrado redução da produção física, de acordo com o IBGE.

As demissões no setor têxtil representaram uma queda de 5,1% do pessoal ocupado, enquanto o corte de pessoal foi de 6,5% no setor de vestuário. Na mesma comparação, a produção física têxtil recuou 7,5%, enquanto a do vestuário

caiu 15,1%. A alta de 51% nas importações de vestuário nos três primeiros meses também explica o resultado negativo, segundo o presidente da Associação Brasileira da Indústria Têxtil e de Confecção (Abit) Aguinaldo Diniz Filho.

O emprego também vai mal nos setores de calçados e couro (-7,0%), fumo (-5,7%), produtos de metal (-5,5%), borracha e plástico (- 4,2%) e metalurgia básica (-2,9%), sempre na comparação entre o primeiro trimestre deste ano frente a igual período de 2011.

	VEÍCULO UOL ÚLTIMAS NOTÍCIAS	EDITORIA	
	TÍTULO <b>Brasil perde em inovação e não cresce como outros Brics, diz economista</b>		
ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL	

**O Brasil não tem um plano de inovação para manter o ritmo de crescimento em relação a Rússia, Índia e China, os países que formam os Brics, avalia o economista Marcos Troyjo, diretor do Bric-Lab, o laboratório de pesquisa sobre os Brics da Universidade de Columbia, nos Estados Unidos.**

Segundo Troyjo, o Brasil precisa fazer uma "leitura melhor do mundo" e investir, pelo menos, 2,5% do seu **PIB** em pesquisas científicas.

"O desafio que os Brics enfrentam como grupo é manter o ritmo da inovação. O Brasil está crescendo menos que os outros países do grupo em termos de inovação e tecnologia. O país tem todas as condições financeiras e vontade política para isso, mas não tem um plano. E para ter um plano é preciso fazer uma boa leitura do mundo. Não acho que o Brasil faça uma boa leitura do mundo", afirmou.

Troyjo participou do seminário "Brazil Innovation: A revolution for the 21st century" (Inovação no Brasil: Uma revolução para o século 21), semana passada, no Rio de Janeiro, promovido pela revista britânica "The Economist". Participaram investidores, empresários, membros de governos, universidades e organizações sem fins lucrativos para analisar os novos modelos de negócios, inovação e empreendedorismo.

O Brasil, segundo analisou o economista, não poderá tornar-se uma sociedade tecnológica se mantiver investimentos de apenas 1% do **PIB** em **desenvolvimento** científico.

"O lado ruim disso tudo é que o Brasil poderá ter uma performance abaixo da esperada para outros países dos Brics. A inovação não é uma questão só de querer, mas de haver mecanismos de incentivo", declarou.

Troyjo, no entanto, citou iniciativas que considera ser "interessantes" como o **PAC** (Programa de Aceleração do Crescimento) iniciado no governo Lula, mas destacou que essa é apenas uma forma de compensar as demandas do passado no presente.

"Isso é correr atrás do tempo e não olhar para o futuro. O Brasil tem de passar de uma sociedade criativa para uma sociedade inovadora", disse.

Questionado sobre qual o papel que os Brics deverão desempenhar na governança global, Troyjo ainda se mostra cético. "Vejo hoje que o mundo vive um vácuo de liderança e não acho que nenhum país dos Brics tenha esse perfil de liderança".

Já o editor da revista "The Economist" para as Américas, Michael Reid, afirmou não haver dúvida de que tanto China quanto Brasil vão se tornar países desenvolvidos até 2050, mas será algo que não ocorrerá de forma linear.

"Dependerá muito, sobretudo no caso da China, que tem um regime político autoritário. Ela terá de ceder à pressão política e social para se abrir. Já no caso do Brasil, o desafio será de investir mais em educação e em infraestrutura, além de reformar o sistema político para que tenha um Estado mais eficiente com menor carga tributária", disse Reid.

	VEÍCULO BRASIL ECONÔMICO-SP	EDITORIA	
	TÍTULO <b>Samsung entra na guerra por <u>mercado</u> de segurança</b>		
ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL	

**Subsidiária do conglomerado sul-coreano aposta no potencial de crescimento do setor de equipamentos de vigilância e monitoramento, que alcançará R\$ 3,7 bilhões até 2017**

#### Fabiana Monte

O mercado brasileiro de segurança eletrônica movimentou R\$ 1,2 bilhão em 2011 e deve gerar R\$ 3,7 bilhões em 2017, com uma velocidade de crescimento anual de 20,6%. A projeção é da Security Industry Association (SIA), que divulgará nova versão de sua pesquisa sobre o tema no próximo mês. E é nesse potencial que a Samsung Techwin está de olho para dobrar seu negócio no país. "O Brasil é o país que mais cresce em consumo de equipamentos de segurança, por conta do avanço econômico e porque não tinha base instalada desses equipamentos", diz Pedro Duarte, vice-presidente da empresa para a América Latina.

A empresa, que faz parte do grupo sul-coreano mais conhecido por TVs e smartphones, atua na área de segurança com o desenvolvimento e produção de câmeras de segurança, equipamentos de controle de acesso e gravadores. A companhia também tem atuação na área de defesa, fornecendo tanques de guerra para governos; e em robótica, com câmeras extremamente aguçadas usadas em prisões e fronteiras, por exemplo.

#### Alta de 35% em 2012

Somente no mercado de segurança, a empresa faturou R\$ 87,81 milhões na América Latina em 2011-e o Brasil representa 35% desse montante, ou R\$ 30,83 milhões. A meta para 2012 é dobrar a receita na América Latina e no Brasil, totalizando, respectivamente, R\$ 175,62 milhões e R\$ 61,66 milhões. "Para ter penetração no mercado, é preciso presença


local, por isso, há um ano e meio criamos uma subsidiária no Brasil para dar suporte local. Crescemos 180%", conta. Na América Latina, há escritórios no Peru, Chile, Colômbia e México.

A sede brasileira é em São Paulo, mas a empresa está abrindo sucursais em Recife e em Porto Alegre. A ideia é ampliar a presença para outras regiões, como Minas Gerais e Distrito Federal, seguindo a demanda do mercado. "Temos distribuidores e uma rede de integradores, o que, normalmente é suficiente para atender. Mas sem suporte técnico e atendimento local, fica difícil conquistar clientes", diz. "O Brasil virou o eldorado do século 21, então, você tem que se diferenciar para ganhar mercado", completa.

Ainda segundo o estudo da SIA, os eventos esportivos dos próximos anos no país são um dos fatores a impulsionar o mercado de segurança eletrônica. Duarte diz que Copa e Olimpíada ajudam, mas também impõem limites. "É a síndrome da saia justa. Ajuda devido à necessidade de infraestrutura, que vai além de estádios, mas, ao mesmo tempo, tem um volume de investimentos que é pesado para uma região implementar e desenvolver em um curto período de tempo", afirma.

"Devido ao desenvolvimento econômico, o Brasil virou o playground global. Aqui você acha marcas do mundo todo. É preciso se diferenciar para conquistar o mercado" - Pedro Duarte, Vice-presidente da Samsung Techwin para a América Latina



	VEÍCULO BRASIL ECONÔMICO-SP		EDITORIA
	TÍTULO <b>Presidentes e primeiros-ministros que fazem parte do Brics vão participar da Rio+20</b>		
	ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL

### CONFERÊNCIA

Os presidentes Jacob Zuma (África do Sul) e Vladimir Putin (Rússia), além dos primeiros-ministros da Índia, Manmohan Singh, e da China, Wen Jiabao, vão participar da Conferência Rio+20, de 20 a 22 de junho, no Rio de Janeiro.

Todos pertencem ao chamado Brics. O presidente eleito da França, François Hollande, que elogiou a política social do Brasil, também confirmou sua vinda ao país para o evento.